

Policy Brief

Cidades-BRICS: Atores Globais Competitivos

Junho, 2013

BRICS-Urbe



BRICS Policy Center Centro de Estudos e Pesquisas - BRICS



Author: Carolina Vilela Figueiredo.
Traduzido por Beatriz Sannuti de Carvalho.

Cidades-BRICS: Atores Globais Competitivos

Este Policy Brief sistematiza e discute dados acerca da competitividade das cidades-BRICS na rede global de fluxos de investimento, extraindo recomendações para o desenho de políticas públicas focadas na atração de investimentos e na competitividade das cidades.

De Espectadores a Protagonistas

Sedes de mega-eventos, residência de 43% da população mundial e os principais impulsionadores do crescimento econômico global nas próximas décadas, as cidades-BRICS são consideradas pontos fundamentais na rede de cidades globais. Este grupo representa uma mudança na balança global de poder e comando ao manter posições de liderança na interseção de comércio internacional e fluxos de investimentos. Devido a isso, elas também são vistas como uma ameaça (ou oportunidade) para o sistema de cidades globais no mundo desenvolvido (Horne, 2010).

As Olimpíadas de Verão e os Jogos Paraolímpicos de Pequim (2008), os Jogos da *Commonwealth* de Deli, a Copa do Mundo da FIFA da África do Sul (2010), as Olimpíadas de Inverno e os Jogos Paraolímpicos de Sochi (2014), a Copa do Mundo da FIFA do Brasil (2014), as Olimpíadas de Verão e os Jogos Paraolímpicos do Rio de Janeiro (2016) e a Copa do Mundo da FIFA da Rússia (2018), revelam uma frequência não coincidente

BRICS Policy Center (BPC) é uma iniciativa conjunta da Prefeitura do Rio de Janeiro e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro dedicada à produção de conhecimento, à análise de agendas, e ao fortalecimento da cooperação e intercâmbio no contexto dos países BRICS.

BRICS-Urbe é um projeto do BPC dedicado ao monitoramento de políticas públicas de desenvolvimento urbano em grandes cidades dos BRICS. Reconhecendo a importância dessas cidades para a abordagem de desafios urbanos em comum, este projeto busca fomentar discussões sobre a formulação de políticas públicas

de como os “gigantes” do BRICS têm atraído uma série de investimentos em mega-eventos esportivos, especialmente em infraestrutura para receberem os jogos. As cidades-sede, no entanto, são o *loci* onde os eventos e todos os processos deles decorrentes ocorrem. Ao ligar as cidades emergentes à economia mundial, tal atratividade também configura novas geografias econômicas para as cidades-BRICS, moldando novas conexões, centralizações, poder, porosidade, funções, fluxos e competição no sistema mundial de cidades, investimentos e prestígios.

Embora Rio de Janeiro, São Paulo, Moscou, Nova Deli, Pequim e Joanesburgo, entre outras cidades-BRICS, venham sendo altamente competitivas no tocante aos investimentos no mundo emergente, eles compartilham uma série de vulnerabilidades semelhantes. As crescentes disparidades socioeconômicas, a polarização de renda e fragmentação espacial ainda estão presentes nos territórios das cidades-BRICS. Além disso, a alta carga social e a baixa qualidade de vida em algumas das cidades dos países BRICS não acompanharam o notável crescimento econômico, o nível de competitividade e os fluxos de investimento do grupo.

Por essas razões, as cidades-BRICS enfrentam uma série de batalhas a fim de ganhar o jogo, não só dentro dos estádios, mas também fora deles. Este *Policy Brief* levanta a discussão de que, a fim de tornarem-se atores globais na arena internacional de poder e comando, as cidades-BRICS devem trabalhar em seu status competitivo ao lado de indicadores-chave que realmente configuram as cidades como globais e sustentáveis, para satisfazer as necessidades locais das populações e assegurar o desenvolvimento sustentável.

Formas, Funções e Fluxos

Debates internacionais sobre a competitividade das cidades se concentraram em como a globalização impôs uma nova geografia de centralidade no mundo. As cidades se tornaram dissociadas da sua geografia local para ter uma posição nas redes internacionais de investimento e comércio. Neste sentido, cidades estão cada vez mais propensas a se tornarem os *loci* dos negócios globais, em vez das nações.

Como apontado por alguns especialistas, a tendência atual revela o surgimento de “vetores geopolíticos urbanos” que definem a economia global, o que não é mais um resultado das transações realizadas entre Estados, e sim um resultado dos eixos urbanos que aproximam cidades e redes de cidades (Sassen 2012) como:

Washington- Nova York- Chicago; Genebra- Viena- Nairobi; Pequim- Hong Kong- Xangai; São Paulo- Rio de Janeiro- Brasília. Estes vetores urbanos são interligados não apenas por meio de fluxos econômicos, mas também através de suas relações geopolíticas. Uma vez que as cidades competem entre si principalmente na forma de investimentos e de poder político, quando elas atraem investimentos e conquistam mais do comando e das funções de controle da economia mundial, seu status e hierarquia na rede urbana melhora (Alderson & Beckfield 2004; Friedmann 1986, Burger et al 2011).

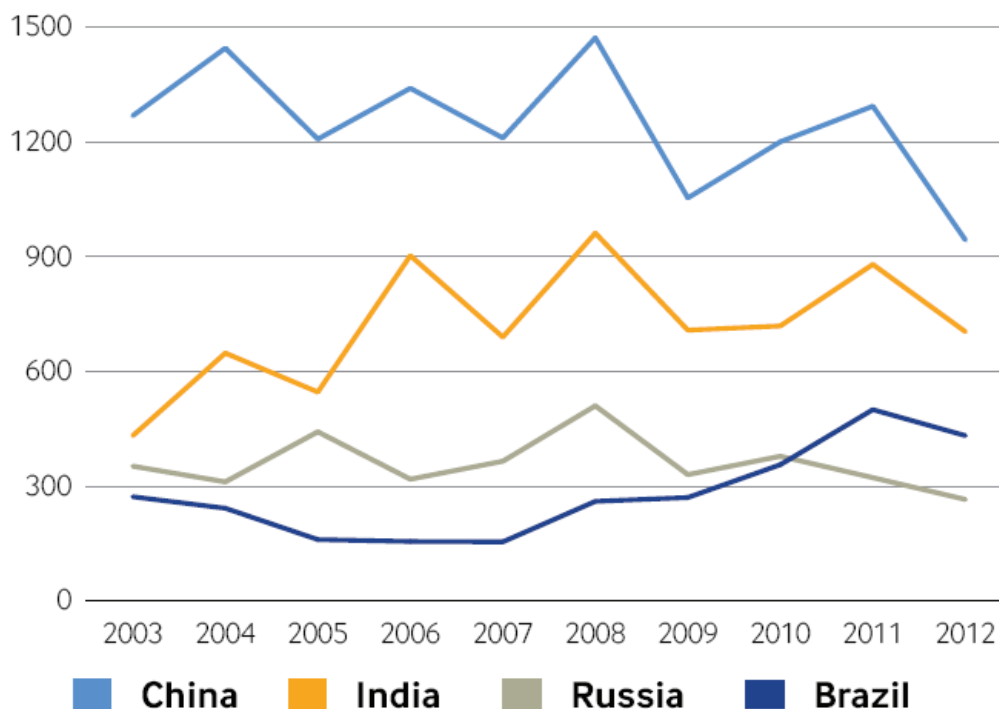
O nível de competitividade de uma cidade, no entanto, depende não apenas da dimensão financeira, mas também de fatores geográficos do âmbito e natureza de suas conexões com outras cidades (Friedmann 1986). Em outras palavras, a competição envolve uma complexa relação entre o ambiente construído (formas), as funções econômicas e os fluxos (Wall, 2009).

É fundamental compreender a intrínseca relação entre a competitividade das cidades do BRICS, poder econômico e redes urbanas, uma vez que, quanto mais conexões uma cidade tem, mais competitiva e poderosa esta é em relação a outras cidades na rede global. Uma clara compreensão das relações de competição (e cooperação) dentro de um sistema urbano possibilita o planejamento estratégico e políticas públicas de apoio voltadas para o crescimento econômico e desenvolvimento (Malecki 2004).

Fluxos de Investimentos para os BRICS

Dados do mais recente relatório sobre Investimento Externo Direto (FDI Intelligence 2013) revelam como os países BRICS compartilham um padrão semelhante de resiliência à recessão econômica global. Os gigantes, com a exceção da África do Sul, atraíram quase um quinto (22%) dos projetos globais de Investimento Externo Direto em 2012. Embora espera-se que a quota de mercado dos Investimentos Diretos Externos que os BRICS detém sofra uma queda em 2013, projeta-se que o nível de tais investimentos seja recuperado a partir de 2014 devido a um possível crescimento mais forte dos países e a fatores de localização que devem estimular investimentos nos BRICS, tais como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo (FDI Intelligence 2013).

Visão Geral do Investimento Externo Direto (IED) para (em USD milhões) países do BRICS (com a exceção da África do Sul*) de 2003 a 2012.



Fonte: fDi Intelligence 2013 (p. 14), extraído de fDi markets.

*Nota: Como a África do Sul juntou-se ao grupo em 2011, a fonte não considerou o país para esta análise de IED do BRICS.

Os países do BRICS atraíram um total de 26.027 projetos desde 2003, com um investimento de capital estimado em USD 2.230 bilhões, enquanto a África do Sul foi responsável por mais de USD 61.312 bilhões desde 2003. Em 2008, os BRICS registraram o maior volume de IED, com um total de 3.205 projetos. Mantendo-se nos rankings regionais desde 2003, a China atraiu 8,01% dos projetos globais de IED. Dentro do BRICS o Brasil teve o maior aumento na participação do mercado global em 2012, respondendo por 18,42% dos projetos de IED. A Índia atraiu 30,02% e a Rússia 11,3% para o BRICS.

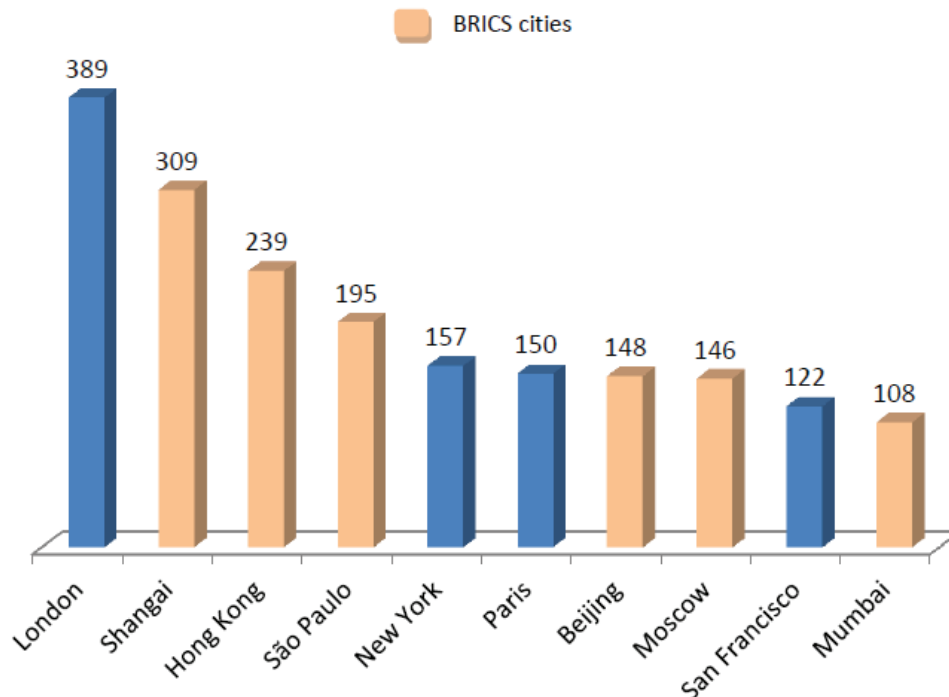
Os setores que lideraram em número de projetos de IED em 2012 foram os de serviços empresariais e financeiros e Tecnologia de Telecomunicação e Informação (ICT em sua sigla em inglês), onde as economias BRICS atraíram 21,79% e 15,94% dos projetos, respectivamente. A maior parte do IED global foi investida, no entanto, nos setores químicos, de plástico e de borracha, onde as economias foram responsáveis por um terço do IED mundial (28,39%), seguido por um *market share* de 25, 85% dos projetos mundiais de IED em motores, turbinas e maquinário do setor industrial.

A maior parte da origem dos investimentos nos BRICS são dos EUA, Japão, Alemanha e Reino Unido, que contribuem em mais da metade do IED nos BRICS desde 2003, e são responsáveis por mais de 56% dos projetos e aproximadamente 8 milhões de empregos diretos.

No nível municipal, os investimentos internacionais “*Greenfield*”¹ alçaram seis cidades do BRICS entre as dez cidades que mais receberam investimento em 2012. Essa rápida ascensão de cidades-BRICS revela o quanto da economia global é executado através de cidades emergentes.

Top 10 das cidades responsáveis pelo maior volume de Investimentos Internacionais ‘Greenfield’ in 2012

¹ Investimentos Internacionais Greenfield ocorrem quando uma empresa instala novas atividades em uma cidade, criando empregos e desenvolvendo o poder econômico local. Transações imobiliárias ou alianças não estão incluídos. Os Investimentos Internacionais Greenfield são mapeados pelos dados do “fDi markets” (KPMG & Greater Paris Investment Agency 2012).



Fonte: Global Cities Investment Monitor 2012 (KPMG & Greater Paris Investment Agency 2012).

Xangai e Hong Kong estão firmemente estabelecidos no top 3, enquanto São Paulo está ranqueada em 4º e Pequim em 7º. Moscou encontra-se na 8ª posição, com 25,13% do IED na Rússia e Mumbai continua a sua rápida ascensão no 10º lugar. Mais uma vez, os principais setores da economia para a atração de investimentos foram atividades empresariais, serviços financeiros e Tecnologia de Telecomunicação e Informação.

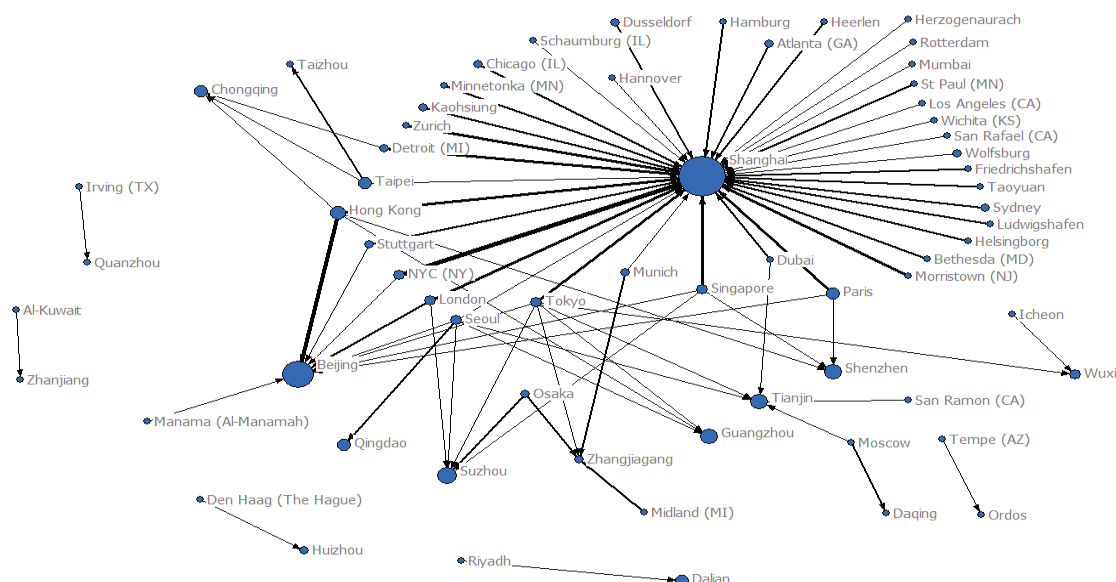
Atores Principais

As redes de cidades-BRICS estão consideradas dentro do grupo dos vetores urbanos mais importantes da próxima década: *Pequim - Hong Kong - Xangai* e *São Paulo - Rio de Janeiro - Brasília* (Sassen, 2012). Observando entre as cidades que mais receberam investimentos, estes eixos urbanos provam que estão moldando a economia global ao reunir os principais atores no jogo de fluxos de investimento e competitividade.

O seguinte diagrama dos fluxos de investimento apresenta as transações cidade-a-cidade entre cidades chinesas e seus investidores ao redor do mundo. As ligações representam o total dos fluxos de IED entre as cidades em diferentes setores

econômicos. O quão mais espessa a linha, mais forte será o fluxo de investimentos entre estas cidades. Um grande ‘nó’ revela o quão conectada a cidade é com outros atores na rede e, portanto, o quão ‘atraente’ a cidade é para investimentos.

Visão geral dos fluxos de IED para a China de 2003 a 2011



Fonte: adaptado de Zhang, Z (2012, p.30), extraído de FDI markets

A China está ganhando liderança nas redes globais de economia e investimentos internacionais através do desenvolvimento de Xangai, Hong Kong e Pequim, os vetores urbanos do país. Estas três cidades receberam grandes investimentos de Nova York, Londres, Paris, Tóquio, Hong Kong, Singapura e Zurique.

Xangai é o principal centro industrial e financeiro da China, atraindo IED principalmente nos setores financeiros e de ICT e gerando mais de 720 mil postos de trabalho neste campo desde 2003. É também a cidade com o maior ‘nó’ como apresentado acima, e é, portanto, a cidade mais conectada na rede chinesa de investimentos. O território extremamente atraente para investimentos e a alta conectividade de Xangai é a resposta dos esforços do governo nacional em melhorias de infraestrutura urbana, mobilidade e saneamento (Bocayuva & Veloso dos Santos 2011). Juntamente com Pequim, Xangai atraiu 35,74% do IED na China desde 2012 (FDI Intelligence 2013). Pequim, que também é um centro de poder, representa um investimento de capital de IED de mais de US \$ 102.752 bilhões até 2011, principalmente em serviços financeiros.

Hong Kong, a terceira cidade global em volume de projetos de investimentos ‘greenfield’, desempenha um papel fundamental na geopolítica do país. A cidade apresenta um ‘nó’ bastante modesto quando comparado com a altamente conectada

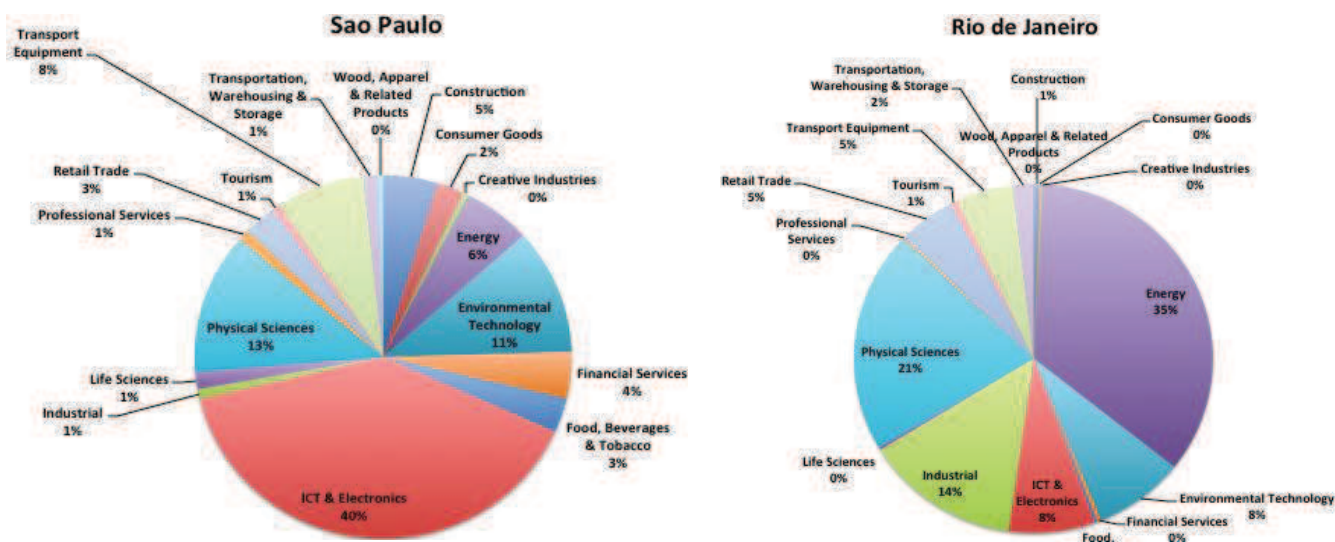
Xangai, no entanto, os investimentos domésticos entre Hong Kong e cidades chinesas revelam o poder da cidade na rede de investimento. Hong Kong investiu mais de USD 22.821 bilhões nos setores financeiros, TIC, de construção, varejo e de negócios em Pequim e Xangai entre 2003 e 2011 (Zhang 2012).

Embora posicionado fora da órbita da rede de investimento urbano chinês e não tão ligados como as três estrelas nacionais, as cidades de Quanzhou, Zhanjiang, Huizhou, Dalian e Ordos ainda podem ser consideradas competitivas o suficiente para os fluxos de IED e também proeminentes a uma rápida ascensão no rede de investimento.

Mais ao sudoeste, a rede de investimento brasileiro também se encontra em expansão através da concentração espacial dos investimentos. São Paulo e Rio de Janeiro possuem uma liderança incontestável no share brasileiro de IED e, enquanto São Paulo é líder em investimentos nos setores de ICT e eletrônicos, o Rio de Janeiro toma a frente nos setores de Energia e Ciências Físicas. São Paulo foi responsável por quase 25% dos projetos que entraram no país entre 2003 e 2012 (FDI Intelligence, 2013), com um investimento de capital estimado em mais de US\$ 77.678 bilhões até 2011. Os setores econômicos mais atraentes da cidade para o IED foram ICT (40%), ciências físicas (13%) e tecnologia ambiental (11%).

Rio de Janeiro também é um alvo preferencial de IED devido a projetos de renovação urbana, descobertas recentes de petróleo e gás e também devido aos próximos megaeventos na cidade (Ernst & Young 2012; Bocayuva & Veloso dos Santos 2011). Desde 2003, o Rio de Janeiro foi responsável por uma atração de investimento de capital estimado em US\$ 50 bilhões, dos quais 34,83% foram destinados ao setor de energia. Preve-se que os investimentos em petróleo e gás no Rio de Janeiro cheguem a US\$ 188 bilhões (62% do montante total esperado) nos próximos anos (Rio Negócios 2011). A cidade também lidera os investimentos no comércio varejista, e ciências físicas e industriais, em comparação com São Paulo.

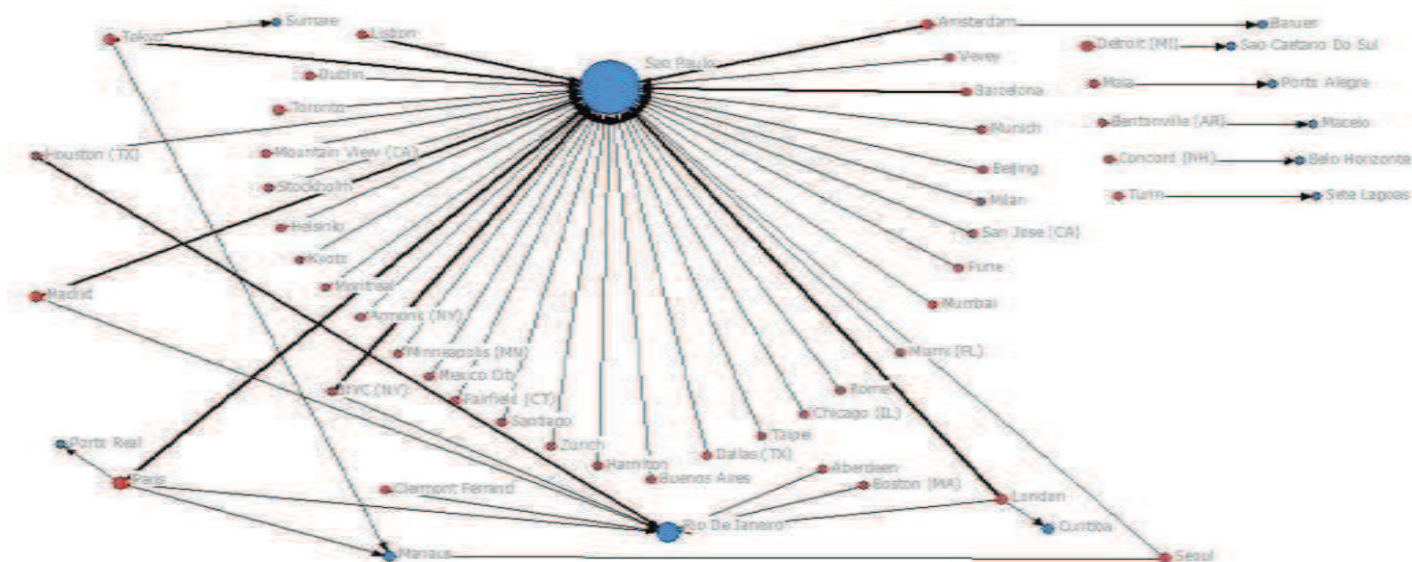
Setores que mais atraem IED em São Paulo e Rio de Janeiro de 2003 a 2011



Fonte: adaptado de Figueiredo, C. V (2012, p.39), extraído de fDi markets.

Nova York, Londres, Paris e Madrid são importantes origens de investimentos no Rio de Janeiro, no entanto, a linha mais espessa revela que Houston é o principal investidor da cidade, responsável por um investimento de capital de mais de US\$ 251 milhões e 1.319 empregos diretos no setor de energia de 2003 a 2011 (Figueiredo 2012, extraído de fDi markets). Os principais investidores de São Paulo são Amsterdam, Tóquio, Barcelona, Madrid, Paris, Londres e Nova York. Barcelona e Madrid também têm investido fortemente nos setores de eletrônicos e de tecnologia de telecomunicação e informação em São Paulo.

Visão Geral de fluxos de IED para o Brasil de 2003 a 2011



Fonte: Figueiredo, C. V. (2012, p.38), extraído de fDi markets.

São Caetano do Sul, Porto Alegre, Maceió, Belo Horizonte e Sete Lagoas estão fora das regiões tradicionais de negócios brasileiros e de centros de IED. É interessante,

no entanto, notar que essas cidades são listados como as cidades mais competitivas do país e importantes mercados emergentes (Brookings, 2013), mostrando uma rápida ascensão na arena dos fluxos de investimento.

Apesar de Brasília não aparecer neste diagrama de fluxos de investimento de cidade-a-cidade, a capital desempenha um papel geopolítico fundamental no país ao ser o ponto focal para o Governo Federal e ao formar, juntamente com Rio de Janeiro e São Paulo, o “eixo político- econômico peso- pesado junto a agora estabelecida China”² (Sassen 2012, p. 8)

Fica claro a partir das evidências apresentadas que *Pequim - Hong Kong - Xangai* e *São Paulo - Rio de Janeiro - Brasília* revelam como os governos nacionais do BRICS vem usando estes vetores urbanos como estratégia para estimular a atração de investimentos estrangeiros para seus respectivos países e cidades. Isso também mostra como essas cidades globais são configurados como os *loci* de comércio, geopolítica e relações internacionais entre as nações. Enquanto essas cidades permanecem como estrelas nacionais, outras (cidades de médio porte, particularmente) estão prosperando para tornarem-se mais ligadas ao arquipélago dos fluxos de investimento.

A Competitividade das Cidades dos BRICS

Medir a competitividade das cidades é uma tentativa de estimar a força econômica relativa de uma cidade e seu potencial em comparação com outras no sistema urbano. Fatores de localização são indicadores que explicam por que algumas empresas preferem investir e se estabelecer em algumas cidades, em vez de outras. Cidades estão constantemente tentando melhorar esses fatores de localização, a fim de alcançar uma melhor posição competitiva, uma vez que é tarefa da cidade criar um ambiente favorável capaz de atrair não apenas investimentos, mas também negócios e capital humano e, portanto, tornar-se mais bem sucedida na rede (Sassen, 2002). Em outras palavras, “investimentos fluirão para- e as exportações fluirão de - aquelas cidades que oferecem os trabalhadores mais instruídos e mais qualificados,

² Tradução livre a partir de “politico-economic heavyweight axis next to now-established China” (Sassen 2012, p. 8)

infraestruturas com ligações a nível mundial e organizações públicas e privadas flexíveis e responsáveis”³ (Rondinelli et al 1998, p.73).

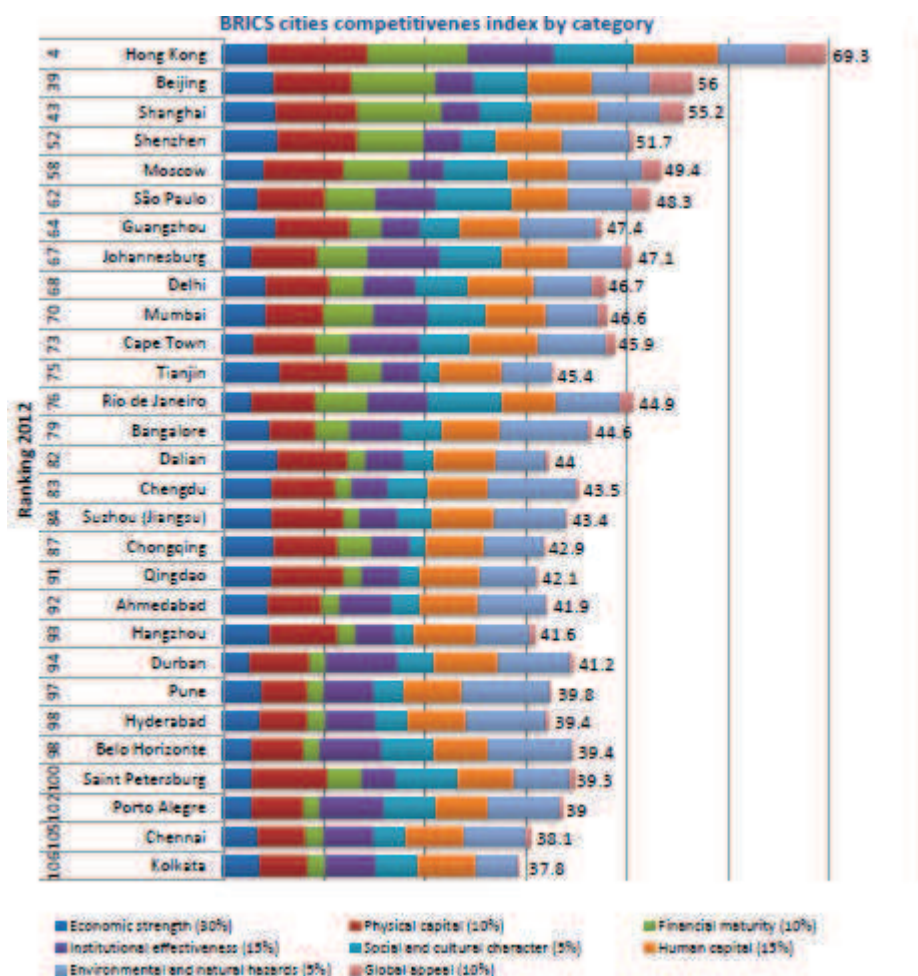
De acordo com o mais recente relatório sobre a competitividade das cidades da Economist Intelligence Unit (2012), um total de 29 cidades-BRICS estão listadas entre as 120 cidades mais competitivas do mundo a partir da sua pontuação em oito fatores de localização: a força econômica, a maturidade financeira, o caráter social e cultural, os riscos ambientais e naturais, o capital físico, a eficácia institucional, o capital humano e o apelo global.

O Brasil observou uma rápida melhoria de infraestrutura e de redução de corrupção vis-à-vis outros BRICS, colocando São Paulo (62°), Rio de Janeiro (76°), Belo Horizonte (98°) e Porto Alegre (102°), entre as 120 cidades mais competitivas para se fazer negócios. São Paulo pontuou mais do que as outras em força econômica, capital físico e humano, e em apelo global. Porto Alegre lidera entre as cidades brasileiras no quesito de eficácia institucional, enquanto Belo Horizonte tem a frente em riscos ambientais e naturais. Juntamente com Hong Kong, Rio de Janeiro e São Paulo apresentaram as maiores pontuações em caráter social e cultural entre as 29 cidades do BRICS, no entanto Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre são as três últimas entre as cidades do BRICS em termos de capital humano.

Alguns especialistas e estudos recentes apontam que uma das razões pelas quais o Rio de Janeiro e São Paulo são tão atraentes para investimentos é por causa do *momentum* de intensa estratégias em marketing urbano e relações internacionais (Bocayuva & Veloso dos Santos 2011). Estes aspectos receberam grandes investimentos em círculos de políticas internacionais, roadshows e fóruns devido aos próximos megaeventos esportivos, especialmente no Rio de Janeiro, que sediará eventos mundiais de grande importância ao longo dos próximos quatro anos, situando-se como uma promissora fonte de oportunidades de investimento e uma cidade chave para as aspirações brasileiras de se tornar um ator mais relevante no cenário internacional (Ernst & Young 2012; Bocayuva & Júnior 2011).

Tabela de competitividade das cidades do BRICS por categoria

³ Traduzido a partir do original ‘investment will flow to – and exports will flow from – those cities that provide better educated and higher skilled workers, globally linked infrastructures, and flexible and responsible public and private organizations’



Fonte: Hot spots: Benchmarking da competitividade das cidades globais 2012 (The Economist Intelligence Unit 2012)

A **Rússia** está representada no ranking por Moscou em 58º e São Petersburgo em 100º. Moscou se destaca em maturidade financeira e apelo global, no entanto, como São Petersburgo, Moscou deve melhorar em eficácia de governo e órgãos reguladores. A **Índia** teve Deli e Mumbai em 68º e 70º, respectivamente, e Ahmedabad, Pune, Hyderabad, Chennai e Kolkata em posições inferiores. Os indicadores econômicos das cidades indianas ainda estão aquém dos indicadores de outras cidades-BRICS, especialmente as da China. Bangalore e Pune tomam a frente em riscos ambientais e naturais entre as cidades-BRICS.

Não surpreendentemente, a **China** foi representada por 11 cidades e as 3 principais cidades chinesas em participação global de IED também são as cidades mais competitivas dentro do BRICS no ranking. Hong Kong ficou classificada como a quarta cidade mais competitiva a nível mundial, marcando 100 pontos em capital físico e maturidade financeira, enquanto Pequim e Xangai mostraram maior força econômica alcançando as 39º e 43º posições, respectivamente. A facilidade de se fazer negócios,

os investimentos em infraestrutura e uma crescente classe média tendem a continuar alimentando o vetor urbano chinês e outras cidades em direção a uma maior presença global, com especial atenção para Pequim, devido ao fortalecimento do seu sistema de saúde (A.T. Kearney 2012).

A **África do Sul** teve Joanesburgo (67°) e Durban (94°) como representantes do país entre as 120 cidades mais competitivas, alcançando resultados expressivos em eficiência institucional se comparado a outras cidades-BRICS. No entanto, há uma série de impedimentos e fragilidades que faz com que as cidades sul- africanas não respondam rapidamente às pressões externas de competitividade global, como o fraco desenvolvimento econômico e o nível de maturidade financeira.

Outros relatórios de competitividade e pesquisas recentes também indicaram a convincente tendência de como são os investimentos financeiros e de negócios nas cidades do BRICS que estão içando as mesmas para o topo do ranking de competitividade, ao invés de outras dimensões que contribuem para uma cidade global, como a educação, a saúde, a qualidade da vida, a cultura e o capital humano. Essas vulnerabilidades representam uma desvantagem para as cidades-BRICS e devem ser tratadas, a fim de se alcançar um protagonismo global.

Driblando as batalhas para ganhar o Jogo

Este Policy Brief apresentou como os Investimentos Estrangeiros Diretos (IED) estão impulsionando o crescimento dos mercados emergentes, no entanto, muito mais será necessário para garantir o seu protagonismo na rede global de investimentos e competitividade. Apesar das peculiaridades socioeconômicas, as cidades do BRICS compartilham dos mesmos desafios para alcançar o desenvolvimento social, econômico e sustentável. A fim de preencher a lacuna entre o nível de competitividade, os fluxos econômicos e os encargos sociais, as cidades-BRICS devem extrair lições uns dos outros e se concentrar em aspectos específicos.

Fatores de Localização para Competitividade	Indicadores (The Economist Intelligence Unit 2012)	Cidades do BRICS bem sucedidas (pontuações mais altas)	Recomendações
Capacidade Econômica	<ul style="list-style-type: none"> - PIB global da cidade; - Taxa de crescimento; - Tamanho da classe; média; - Renda relativa; - Integração regional de mercado 	Tianjin, Shenzhen, Dalian, Guangzhou e Xangai	<ul style="list-style-type: none"> - Foco em cooperação e complementariedade na rede urbana de fluxos de investimento; - Foco em aglomerações regionais de mercado; - Incentivos para investimentos intra-BRICS; - Responsabilidade Fiscal, etc;
Maturidade financeira	<ul style="list-style-type: none"> - Amplitude e profundidade da aglomeração financeira 	Hong Kong, Xangai, Shenzhen, Pequim, Moscou	<ul style="list-style-type: none"> - Cidades: Joanesburgo, Rio de Janeiro, and Durban
Caráter Sócio-Cultural	<ul style="list-style-type: none"> - Liberdade de expressão; - Direitos humanos; - Abertura e diversidade; - Violência; - Cultura 	Hong Kong, São Paulo, Rio de Janeiro	<ul style="list-style-type: none"> - Melhorias em segurança social; - Incentivos para atividades culturais, entretenimento e diversidade, etc; - Cidades: Chongqing, Qingdao, Hangzhou e Tianjin
Fatores de Localização para Competitividade	Indicadores (The Economist Intelligence Unit 2012)	Cidades do BRICS bem sucedidas (pontuações mais altas)	Recomendações
Riscos ambientais e naturais	<ul style="list-style-type: none"> - Risco de ocorrência de desastres naturais; - Governança ambiental; 	Bangalore, Chengdu and Pune	<ul style="list-style-type: none"> - Aplicação de estratégias de desenvolvimentos de baixo impacto; - Melhorias de infraestrutura 'verde' e ecológica; - Desenvolvimento de energias renováveis; - Comprometimento com políticas de mudanças climáticas; - Planejamento urbano sustentável, etc.
Capital físico	<ul style="list-style-type: none"> - Infraestrutura física; - Transporte público; - Transporte de telecomunicação 	Hong Kong, Xangai, Shenzhen, Pequim, Moscou	<ul style="list-style-type: none"> - Incentivos para iniciativas PPP (Parcerias Público- Privadas); - Estratégias urbanas em direção a um 'crescimento inteligente'; - Ferramentas inovadoras de financiamento de infraestrutura urbana, etc. - Cidades: Chennai, Bangalore,

			Pune
Desembaraço Institucional	<ul style="list-style-type: none"> - Processo eleitoral; - Autonomia fiscal do governo local; - Tributação; - Estado de direito; - Eficácia governamental 	Hong Kong, Joanesburgo, Cidade do Cabo	<ul style="list-style-type: none"> - Menor burocracia e custos mais baixos para estabelecer novos negócios; - Órgãos reguladores mais fortes; - Descentralização política e funcional, etc. - Cidades: Moscou and São Petersburgo
Capital humano	<ul style="list-style-type: none"> - Crescimento populacional; - Educação; - Sistema de saúde; - População em idade ativa; - Contratação de estrangeiros; - Empreendedorismo 	Hong Kong, Cidade do Cabo, Shenzhen and Delhi	<ul style="list-style-type: none"> - Reduzir as taxas de imigração; - Fortalecer o sistema público de saúde e de educação; - Melhorias nos relatórios de poluição de pequenas partículas, etc. - Cidades: Rio de Janeiro, Belo Horizonte, and Porto Alegre
Apelo global	<ul style="list-style-type: none"> - Número de grandes corporações (Fortune 500); - Frequência de vôos internacionais; - Conferências e convenções internacionais; - Liderança global no ensino superior e think tanks 	Pequim, Hong Kong, Xangai, São Paulo and Moscou	<ul style="list-style-type: none"> - Estratégias de marketing e branding para cidades; - Colaboração entre instituições de pesquisas dos BRICS para apoiar a 'aprendizagem entre pares' - Incentivos governamentais para o estabelecimento de corporações transnacionais, etc; - Cidades: Dalian and Pune - Cidades: Kolkata, Mumbai e Tianjin

Desafios

O desafio mais urgente para as cidades-BRICS no futuro próximo é saber se elas conseguem focar o seu desenvolvimento não apenas em infraestrutura e arranha-céus, mas também em capital humano (A.T.Kearney, 2012). Melhorias na saúde pública, educação e qualidade de vida serão cruciais para as habilidades das cidades-BRICS em atrair capital estrangeiro e talentos para o futuro. Um outro desafio será a capacidade das cidades do BRICS em enfrentar a poluição e violência que ameaçam

a qualidade de vida de seus cidadãos, em especial em Moscou, São Paulo, Rio de Janeiro e Joanesburgo.

Foco em pólos regionais e complementaridade

Cidades não possuem poder no isolamento e, portanto, precisam de uma rede local e regional, bem estruturada, a fim de serem mais competitivas no mercado global, porque regiões são mais poderosas do que cidades ao atrair investimentos. Evidências mostram que as empresas estão olhando para conjuntos de cidades para as oportunidades de mercado (McKinsey Global Institute, 2012), por exemplo, na China, Índia e Brasil, onde existem diferenças significativas nos mercados regionais. Assim, em vez de trabalhar apenas em uma vantagem competitiva, as cidades-BRICS devem se concentrar no desenvolvimento de ligações regionais complementares e especializadas com outras cidades a fim de consolidar um conjunto sustentável e atraente para investimentos.

Por exemplo, o vetor urbano brasileiro São Paulo - Rio de Janeiro - Brasília pode trabalhar em conjunto com base na complementariedade de serviços nos setores de ICT e energia em paralelo com o lado geopolítico. Devido às recentes descobertas de petróleo na costa sudeste brasileira, nos próximos 20 anos o Rio de Janeiro e São Paulo verão progressivos investimentos em energia, tecnologia de gás & óleo, infraestrutura e setores relacionados. Portanto, ambas as cidades podem trabalhar em conjunto para atrair e agrupar os investimentos "verdes", dando suporte uns aos outros em serviços especializados. Enquanto São Paulo lidera em suporte logístico e serviços financeiros, aglomerando sedes de empresas transnacionais, o Rio de Janeiro, com suas atrações naturais e turísticas ergue-se como o pólo de alta tecnologia energética, inovação e de suporte de infraestrutura para as atividades de extração de petróleo (Rio Negócios 2011). Além disso, os próximos eventos mega-esportivos que acontecerão em ambas as cidades estão impulsionando oportunidades para serviços complementares em ICT e na indústria de turismo e hospitalidade (Ernst & Young 2012). Apesar da distância geográfica, Brasília desempenha um papel importante dentro de uma abordagem geopolítica. O ponto focal do Governo Federal brasileiro, Brasília, detém a maior concentração de decisores políticos do país.

Portanto, a tendência das redes urbanas complementares é uma alternativa potencial para os territórios fragmentados do BRICS, uma vez que a cooperação entre cidades

pode diminuir as disparidades regionais e as ilhas de prosperidade entre os países. Além disso, ao competir por investimentos específicos e ao prestar serviços complementares e especializados, as cidades de tamanho médio que estão ficando para trás na órbita dos fluxos de IED podem ter a oportunidade de capturar os efeitos de transbordamento dos IED das principais cidades do BRICS e aumentar a sua competitividade.

Prontidão institucional e governança

As cidades-BRICS, com especial atenção para Moscou, Bangalore, Calcutá, Mumbai, Nova Deli, São Paulo e Rio de Janeiro, devem fornecer um ambiente legal e administrativo sólido e justo para negócios. Entre as melhorias nas quais as cidades-BRICS devem se concentrar estão menor burocracia, instituições mais fortes e ambiente regulatório mais eficaz para negócios. Enquanto na África do Sul, China, Índia e Rússia, leva-se até 38 dias para começar um novo negócio, no Brasil, o mesmo leva aproximadamente 119 dias (Relatório de Competitividade Global 2012/13). Além disso, o aumento da corrupção, especialmente em cidades sul-africanas e em Nova Deli, é um dos desafios a serem abordados, a fim de alcançar os melhores resultados em termos de competitividade e, conseqüentemente, na atração de investimentos.

Governança local eficaz e capacitação estão no centro de qualquer cidade global de sucesso que tem desenvolvimento político, econômico e social como uma prioridade da sua agenda política.

Responsabilidade fiscal e sustentabilidade

As cidades-BRICS devem gerenciar seu crescimento de forma a construir as estruturas de um desempenho econômico sustentável. Em 2012, as cidades nos países em desenvolvimento contribuíram com 24% do crescimento econômico mundial, de acordo com o Global Metro Monitor (Brookings 2012), no entanto, a alta capacidade de absorção como a habilidade de internalizar e maximizar os efeitos positivos do spillover dos investimentos e uma responsabilidade fiscal eficaz tem um papel fundamental em qualquer município economicamente sustentável. A capacidade de um município de levantar fundos, capturar o valor e o retorno de investimentos

estrangeiros e ainda fornecer soluções eficazes para as deficiências locais são estratégias fundamentais de uma cidade que possui uma carteira de investimentos sustentáveis.

Cooperação Intra-BRICS

A fim de reforçar o protagonismo de suas cidades na arena internacional de investimentos e de atratividade, os BRICS também devem trabalhar no sentido de estabelecer mecanismos de cooperação e de integração coesa como já apontado pelo Plano de Ação do BRICS presente na Declaração de Sanya (2011).

Uma análise comparativa do portfólio de investimento, legislação e marcos regulatórios das cidades-BRICS, também devem fornecer um maior conhecimento de suas peculiaridades e semelhanças, apontando as possibilidades de cooperação intra-BRICS que busque alcançar uma maior presença global. Além disso, como afirmado na Declaração de Sanya (2011), a colaboração não só no comércio internacional, mas também em pesquisa e aprendizagem mútua, através de uma rede de instituições de pesquisa do BRICS, também pode aumentar a relevância das cidades e seu apelo global em uma escala mundial.

Bibliografia

Alderson, A. S. & Beckfield, J. 2004. 'Power and Position in the World City System', AJS, vol. 109, no. 4, pp. 811-851.

A.T.Kearney, Inc 2012. Global Cities Index and Emerging Cities Outlook. Accessed: <http://www.atkearney.com/documents/10192/dfedfc4c-8a62-4162-90e5-2a3f14f0da3a>

Bocayuva, P. C. C. & Veloso dos Santos, S. 2011. 'Cidades-BRICS e o fenômeno urbano global', Carta Internacional, vol. 6, no. 2, pp. 55-75.

Brookings Institution. 2012. Global Metro Monitor 2012. Slowdown, recovery and interdependence. Accessed:

<http://www.brookings.edu/~media/research/files/reports/2012/11/30%20global%20metro%20monitor/30%20global%20monitor.pdf>

Burger, M. J., van der Knaap, G.A. & Wall, R.S. 2011. 'Revealed Competition for Greenfield Investments between European Regions', Journal of Economic Geography, Oxford University Press.

Ernst & Young. 2012. Capturing the momentum. Ernst & Young's 2012 attractiveness survey, Brazil. Accessed:

[http://www.ey.com/Publication/vwLUAssets/Capturing_the_momentum_Brazil/\\$FILE/Capturing_the_momentum_Brazil.pdf](http://www.ey.com/Publication/vwLUAssets/Capturing_the_momentum_Brazil/$FILE/Capturing_the_momentum_Brazil.pdf)

fDi Intelligence. 2013. The fDi Report 2013. Global Greenfield Investment Trends. Accessed: <http://www.fdiintelligence.com/Custom/Special-Reports/fDi-Report-2013/Executive-Summary#microsite>

Figueiredo, C. V. 2012. Sao Paulo beyond borders: An investigation of the city's competitiveness and complementarity in Latin America. Master Thesis, Institute for Housing and Urban Development Studies, Erasmus University of Rotterdam, Rotterdam.

Friedmann, J. 1986. World City Hypothesis. Development and Change, vol. 17, pp. 69-83, London, Beverly Hills and New Delhi, SAGE.

14 BRICS URBAN COMPETITIVENESS FACT SHEET

Horne, J. 2010. Building BRICs by Building Stadiums: Preliminary Reflections on Recent and Future Sports Mega-Events in Four Emerging Economies. Accessed: <http://www.bl.uk/sportandsociety/exploresocsci/sportsoc/mega/buildingbricks.pdf>

KPMG & Greater Paris Investment Agency. 2012. Global Cities Investment Monitor 2012. New rankings, trends and criteria. Accessed: <http://www.kpmg.com/FR/fr/IssuesAndInsights/News/Documents/GPIA-KPMG-CIM-2012.pdf>

Malecki, E. J. 2004, 'Jockeying for Position: What It Means and Why It Matters to Regional Development Policy When Places Compete', Regional Studies, vol. 38.9, pp. 1101–1120.

McKinsey Global Institute. 2012. Urban world: mapping the economic power of cities. Accessed: http://www.mckinsey.com/insights/urbanization/urban_world

Rio Negócios. 2011. Annual Report Rio Negócios 2010-2011. Accessed: <http://rio-negocios.com/en/uploads/2011/05/Relatorio-Anual-Rio-Negocios.pdf>

Rondinelli, D. et al. 1998. 'The Changing Forces of Urban Economic Development: Globalization and City Competitiveness in the 21st Century', Cityscape: A Journal of Policy Development and Research, vol. 3, no 3, pp. 71-105.

Sanya Declaration. 2011. Accessed: <http://www.itamaraty.gov.br/temas-mais-informacoes/saiba-mais-bric/documentos-emitidos-pelos-chefes-de-estado-e-de-governo-pelos-chanceleres/iii-brics-summit-sanya-declaration>

Sassen, S. 2002. 'Locating Cities on Global Circuits'. *Globalization and Cities, Environment and Urbanization*, vol. 14, no 1, pp. 13-30.

Sassen, S. 2012. 'Beyond State-to-State Geopolitics: Urban Vectors Dominate'. In: A.T.Kearney, Inc. 2012. *Global Cities Index and Emerging Cities Outlook*. Accessed: <http://www.atkearney.com/documents/10192/dfedfc4c-8a62-4162-90e5-2a3f14f0da3a>

The Economist Intelligence Unit. 2012. *Hot spots: Benchmarking global city competitiveness 2012*. Accessed:

Wall, R. S. 2009. *Netscape: cities and global corporate networks*. ERIM and Haveka Publishers.

World Economic Forum. 2012. *The Global Competitiveness Report 2012-2013*. Accessed: http://www3.weforum.org/docs/WEF_GlobalCompetitivenessReport_2012-13.pdf

Zhang, Z. 2012. *The story behind the Hu-Line: FDI and City Competitiveness Analysis of Coastal and Inland Chinese Major Cities*. Master Thesis, Institute for Housing and Urban Development Studies, Erasmus University of Rotterdam, Rotterdam.